



## A ARTE AFRICANA NA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

MASCARENHAS, Filipe Reisner.<sup>1</sup>  
KÜHL, Gracieli Erna Schubert.<sup>2</sup>

### RESUMO

Tem-se como objetivo geral desta pesquisa apresentar e discutir algumas possibilidades de utilização dos conceitos da estética aliada à arte africana, com aplicação em projetos arquitetônicos na atualidade. Apresentar possíveis relações entre estética, arquitetura, história e arte, discutindo conceitos relacionados à prática arquitetônica voltados à história da África, e por final, demonstrar projeto arquitetônico de fachada elaborado a partir de análises estéticas da arte africana. Assim, buscou-se em livros e artigos trechos referentes à estética e percepção visual que se enquadrassem nos estudos de Rudolf Arnheim. Percebeu-se a desvalorização da África em diversas maneiras, concluindo que é possível empregar a estética africana de modo sutil, e principalmente percebeu-se a extensa capacidade do tema, sendo possível expandir, aprofundar e discutir a partir de várias abordagens científicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte africana, Arquitetura; Estética.

### HOW TO INSERT AFRICAN ART IN CONTEMPORARY ARCHITECTURE

### ABSTRACT:

The general objective of this research is to present and discuss possibilities of using concepts of African art esthetics, applying it in contemporary architecture projects. Present possible relations among esthetics, architecture, history and art, discussing approaches related to architectonic practice linked to African history, and demonstrating a facade project associated with African esthetics. Therefore, an investigation occurred in books and articles related to the African artistic taste and visual perceptions that related to the studies of Rudolf Arnheim. It was realized that Africa is depreciated in many ways, concluding that it is possible to insert the African esthetics in a subtle manner, and it was realized that the theme has great capacity of study, being possible to expand, deepen and discuss from many different scientific ways.

**KEYWORDS:** African art, Architecture, Esthetics.

## 1. INTRODUÇÃO

A Arquitetura Africana é geralmente esquecida na hora de montar a grade curricular dos cursos de Arquitetura. Priorizam-se os estudos arquitetônicos vindos da Europa e Estados Unidos, muitas vezes esquecendo os originários da Ásia, Oriente Médio, Indígena e Africano. Isto ocorre em quase a totalidade das escolas brasileiras e também nas africanas (PEREIRA, 2011. p.1). O mundo ocidental não valoriza a arquitetura africana, e, com exceção da egípcia, não a considera digna de reconhecimento. Ela é tabelada como primitiva e “apenas para abrigo” (PRUSSIN, 1974, p.183).

<sup>1</sup>Discente do 3º Período do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Centro Universitário FAG. E-mail: freisnermascarenhas@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente da Disciplina de Estética e História das Artes. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Centro Universitário FAG. E-mail: gracischubert@gmail.com

Neste estudo, o foco será maior na África ao sul do Saara, pois, segundo Tetteth (2010, p.1), a arte africana é geralmente taxada como as artes plásticas e visuais do povo ao sul do deserto, principalmente na África central e ocidental. A África do Norte foi excluída de muitos estudos, pois a arte claramente remete a várias tradições centradas no mediterrâneo e dos mundos cristãos e islâmicos.

Sendo a África um continente com vasta extensão territorial, diversos povos surgiram, com diversas culturas e diversos meios artísticos.

Uma das principais conclusões a que conduziram as recentes pesquisas arqueológicas realizadas na África subsaariana é a de que povos em diferentes estágios de desenvolvimento tecnológico, vivendo em diversas partes da África, foram contemporâneos entre si. A Idade da Pedra não teve ali um fim uniforme, as técnicas agrícolas foram adotadas em momentos diversos e muitas das comunidades[...] ainda viviam da caça e da coleta em fins do I milênio da Era Cristã, utilizando uma tecnologia característica da Idade da Pedra. Contudo, nenhuma sociedade se manteve estática, e, na maioria dos casos, estabeleceram-se contatos culturais muito intensos, apesar das distâncias por vezes consideráveis (MOKHTAR, 2010, p.587).

Este estudo tem por finalidade reunir referenciais teóricos relacionados à arte e cultura africana, buscando concluir se existe a possibilidade de implementar ou adequar traços da arte tribal à arquitetura ocidental contemporânea, de forma que não cause um impacto visual negativo.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 O ESTUDO DA ARQUITETURA AFRICANA**

Pesquisas científicas apontam o surgimento do homem no leste africano a aproximadamente 3 milhões de anos. Não passava de um ser primitivo fabricante de utensílios. Por conta disso, a história humana na África é mais longa do em qualquer lugar (KI-ZERBO, 2010, p.511). No oeste, estudos mostram que existem pinturas em cavernas da Namíbia feitas há mais de 20.000 anos (FERREIRA, [20--], p.1).

No mundo antigo, os reinos Cuxe de Napata e Meroé, o estado Etiópico de Aksum, e principalmente o Egito faraônico, são exemplos de poderes políticos e militares, possuindo também

uma cultura muito complexa, que era compartilhada e mesclada com outras grandes civilizações, como a romana e indiana (CRAIG et all, 2009, p.116)

## 2.2 A ARQUITETURA AFRICANA CONTEMPORÂNEA

A arquitetura na África foi moldada quase que exclusivamente pelos ideais europeus e americanos. As construções foram embasadas na herança cultural vindas dos países colonizadores, sendo elas holandesas, vitorianas, ou eduardianas. Essas influências estrangeiras permaneceram pelo século XX, e, percebe-se, em prédios públicos, uma forte influência Neoclássica (SANDERS, 2000, p.68).

Folkers (2011, p.382) diz que após a Conferência de Berlim em 1884 a arquitetura europeia foi seriamente empregada na África, principalmente porque os colonizadores necessitavam de acomodações “confortáveis”. Até então, os investimentos europeus se resumiam em pequenos fortes e edifícios de comércio ao longo da costa, mas que sofriam alguma influência africana principalmente pela escassez de materiais.

O autor ainda afirma que a independência da maioria das nações africanas entre 1957 e 1964 quase não mudou a dominação da arquitetura moderna europeia. Ela era vista pelos novos mandantes como a expressão de uma nova nação – um estado africano preocupado com o bem-estar que recusa tudo que é primitivo e retrogrado. Portanto, a arquitetura moderna, que até então era vinculada com a arquitetura africana tradicional, ficou livre das influencias tribais e era considerado um instrumento poderoso na formação de uma nova nação (FOLKERS, 2011, p.383).

Durante as décadas de 1970 e 1980, a África sofreu muito com o apartheid, e isso foi refletido em sua arquitetura. As construções eram em sua maioria conformistas e estéreis. O boicote cultural internacional erodiu a confiança da profissão. Tentando continuar a par com as tendências mundiais e resistir ao isolamento, o movimento que buscava uma arquitetura relevante foi abandonado por muitos por preferirem designs transplantados de revistas estrangeiras. Na atualidade, a eco tecnologia, sustentabilidade, meio ambiente, cultura e cidades do futuro são promovidas na profissão e escolas. A busca por uma arquitetura africana contemporânea apenas irá se intensificar com o aumento de jovens africanos fazendo suas marcas na profissão (SANDERS, 2000, p.70-72).

## 2.3 A ARTE AFRICANA

Sendo a arquitetura provinda da África muito recente, ou meramente cópia da europeia, deve-se estudar a arte tribal e analisar como pode ser empregada em construções contemporâneas.

A África e tudo que dela é oriundo raramente são vistos com respeito pela cultura ocidental. Os livros escolares quase nada trazem sobre a história desse continente e sua organização, dando ênfase a ele apenas como fonte dispensadora de escravos vendidos para os outros países, como se somente a partir do início do tráfico negreiro o Continente Africano passasse a ter história. Ainda assim, é uma história contada de maneira equivocada, sob o ponto de vista dos exploradores europeus. Também a Arte Africana, dentro da História da Arte – área que, costumeiramente, trabalha com conceitos eurocêntricos - é colocada de forma periférica, como um dos apêndices da arte primitiva, não tendo reconhecidas sua grandeza e especificidades, que a fazem tão rica e complexa em formas, funções e sentidos (AMARAL, 2009, p.165).

Segundo Tetteth (2010, p. 1), a arte africana é geralmente taxada como as artes plásticas e visuais do povo ao sul do Saara, principalmente na África central e ocidental. A África do Norte foi excluída de muitos estudos, pois a arte claramente remete a várias tradições centradas no mediterrâneo e dos mundos cristãos e islâmicos.

A arte africana é peculiar. Diferentemente da ocidental, ela é produzida para o coletivo, vista como útil e sagrada. Já na arte ocidental, o artista precisa expressar toda sua individualidade para se destacar dos demais (FERREIRA, [20--], p.1-2).

As características tão singulares da arte africana fizeram com que durante muito tempo ela fosse vista pelo ocidente como uma "arte inferior". Não se considerou o fato de que a arte por ser produção humana, é diversa. Os ocidentais analisavam a obra de arte africana dentro dos seus próprios parâmetros, dentro da sua concepção do "belo universal". (FERREIRA, [20—], p. 2).

### 2.3.1 Tipos de Produções Artísticas Africanas

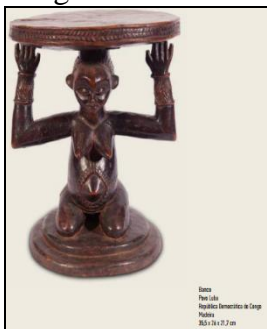
É interessante analisar algumas produções africanas de varias regiões diferentes, podendo relacionar características de diversos povos, sintetizando e correlacionando as estéticas comuns.

#### 2.3.1.1 Bancos Luba

Os Luba, povo da província de Shaba no sudeste da República Democrática Do Congo, destacam-se pela produção de elaborados bancos, que são um dos mais importantes emblemas da

realeza Luba. São considerados receptáculos de espíritos de reis já falecidos, e são guardados de forma secreta. Existem pelo menos dois tipos de bancos: um com a presença de uma ou duas figuras femininas sustentando o assento; e o outro composto geralmente de duas plataformas redondas ligadas por quatro suportes curvados e enfeitados com padrões geométricos entalhados (BEVILACQUA e SILVA, 2015, p.8).

Imagem 1– Banco Luba



Fonte: BEVILACQUA e SILVA, 2015, p.9.

### 2.3.1.2 Estátuas Songye

Muitas vezes por ignorância e falta de informação, estas estátuas são vistas como feias ou ligadas à feitiçaria. Na verdade, para os Songye, tinha a função de representar a unidade e a perpetuação do povo. Elas são chamadas de nkishi, que significa “estátua de fertilidade da comunidade”. As figuras humanas são adornadas com material animal, vegetal e mineral, dos quais os Songye conheciam as propriedades medicinais (BEVILACQUA e SILVA, 2015, p.14).

Imagem 2– Estátua Songye



Fonte: BEVILACQUA e SILVA, 2015, p.15.

### 2.3.1.3 Máscara Egungun

Enraizada no povo Ioruba, as máscaras Egungun tem como função o culto aos antepassados, aonde os usuários representam esses antepassados que estão visitando os vivos. Também tem função de purificar o local, curar as enfermidades e resolver as disputas territoriais (BEVILACQUA e SILVA, 2015, p.16).

Imagem 3 - Mascara Egungun



Fonte: BEVILACQUA e SILVA, 2015, p.16.

### 2.3.1.4 Escultura Ibeji

Proveniente também dos Ioruba, a estatueta representa a alma de um irmão gêmeo, que é presenteada ao outro quando um morre, ou presenteado um par a família quando ambos irmãos morrem (BEVILACQUA e SILVA, 2015, p.20).

Imagem 4 – Escultura Ibeji



Fonte: BEVILACQUA e SILVA, 2015, p.20.

Assim, percebe-se como esta arte está ligada principalmente com a religião, e também se observa a individualidade de cada tribo. Para fazer uma análise das características e da estética africana, é necessário ignorar essas singularidades e observar o âmbito geral.

### 2.3.2 Características artísticas

A arte africana tradicional possui certas qualidades que contribuem para sua estética, e essas qualidades também influenciam a estética arquitetônica. Elas são expressas de forma abstrata nas obras artísticas e de arquitetura consideradas boas. Os elementos da estética africana são: luminosidade, juventude, autocontrole e semelhança ao ser humano (antropomorfismo) (TETTEH, 2010, p.16).

#### 2.3.2.1 Luminosidade

Tetteth (2010, p.18-19) aponta a importância de tanto as obras artísticas quanto as arquitetônicas possuírem um acabamento liso e brilhoso. Isso indica beleza, opondo-se a acabamentos rústicos que remetem a imperfeição e são considerados esteticamente feios. Molokwane ([20--], p. 4) acrescenta que as obras bem-acabadas e brilhosas têm função de transmitir boa saúde, bem-estar e riqueza, como explicita a imagem 5.

Imagem 5 - Luminosidade



Fonte: BEVILACQUA e SILVA, 2015, p.17.

#### 2.2.2.2 Juventude

A aparência jovem das obras tenta transmitir todas as qualidades da juventude: vibrante, saúde, positivismo, e fonte de força (Molokwane, [20--], p.4). A juventude também demonstra

produtividade, fertilidade e habilidade para trabalho. Doença e deformidade raramente são utilizadas pois representam o mal (EZRA, 1986 *apud* TEETETH, 2010, p.19).

### 2.3.2.3 Autocontrole

A arte africana compõe pessoas. A pessoa composta se comporta de forma racional, equilibrada; ela é digna, controlada, orgulhosa. (EGLASH, 1999 *apud* TEETETH, 2010, p. 19).

### 2.3.2.4 Antropomorfismo

A cultura africana considera imperativo que uma obra possua alguma semelhança com o ser humano para adquirir valor estético. Além disso os artistas não representam particularidades, buscam apenas mostrar ideias sobre a realidade humana ou espiritual (MOLOKWANE, [20--], p.4).

#### Imagem 6 - Antropomorfismo



Fonte: BEVILACQUA e SILVA, 2015, p.21.

### 2.3.3 Estética Africana

A arte africana tradicional, ou seja, tribal, se resume em mascaras e estatuetas.

Essa arte é produzida por um ato livre de criação. Dir-se-ia que ela contemplou exatamente os interesses modernistas porque ela tinha a capacidade de fazer a mediação, por um lado, entre o mundo perceptivo dos objetos com suas formas regulares e irregulares e, por outro, a profusão da imaginação humana; mediação esta em que são indistintos na experiência o sagrado e o profano. Esta arte experimenta a liberdade dentro de um rigor da tradição, que



não é acadêmica, mas não deixa de ter sua rigidez porque nos seus cânones ela é voltada para o domínio de um “outro mundo” – o respeito absoluto pelo mundo da ancestralidade. Esta arte é também universal na medida em que atinge essa liberdade criadora que é o ato consciente do artista ao produzir a obra. E eu disse aqui “a” obra e não “sua” obra, porque aquela arte que foi produzida não pertence ao artista que a produziu senão a todos. Aquela obra pertence a seu povo e podemos dizer, por extensão, que aquela obra pertence à humanidade (BEVILACQUA e SILVA, 2015, p. 5).

Partindo dos estudos de Rudolf Arnheim, devem ser analisados alguns aspectos estéticos para melhor compreensão dessa arte. Portanto serão abordados de forma sintética as ideias de equilíbrio, forma, configuração, espaço, luz, expressão, cor e movimento.

#### 2.3.3.1 Equilíbrio

No geral, as obras apresentam um bom equilíbrio, sempre buscando uma certa simetria axial, e na maioria dos casos, essa simetria se encontra no eixo vertical.

#### Imagem 7 – Equilíbrio



Fonte: BEVILACQUA e SILVA, 2015, p.31.  
(Editado pelo autor).

#### 2.3.3.2 Forma

A forma da maioria das peças remete ao físico humano.

#### 2.3.3.3 Configuração

A configuração básica das obras africanas é a busca pela aparência humana. Embora, grande parte dessas obras possuem ângulos agudos, são muito geometrizadas, e não se preocupam em representar fielmente a proporção humana. Ainda assim, é clara a semelhança com o ser humano.

#### 2.3.3.4 Espaço

Por conta de grande parte da arte principal africana ser composta de esculturas, o espaço é tridimensional.

#### 2.3.3.5 Luz

A luminosidade é muito importante na arte africana. Ela é fator definitivo ao se classificar uma obra em bela ou feia. É essencial que esta seja lisa e brilhosa, passando a impressão de boa saúde, bem-estar e riqueza.

#### Imagem 8 - Luz



Fonte: < <http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1979.290/>>

Acesso: 12 de Abril de 2016

#### 2.3.3.6 Expressão

A expressão que as obras tentam passar é de alegria e bem-estar. Para a cultura africana, representar a tristeza é sinônimo de feiura.

### 2.3.3.7 Cor

Pode-se dizer que esta arte praticamente não possui cor. Mesmo com os africanos serem famosos por suas vestimentas coloridas, ou pelas pinturas corporais coloridas, nas máscaras e estatuetas a cor é pouco empregada. Mantem-se a coloração original do material, seja ele madeira, barro ou pedra, e, raramente, se colore pequenos detalhes utilizando os materiais disponíveis, como sangue, bagas, flores e frutos.

### 2.3.3.8 Movimento

Em toda representação o ser aparece estático. Seja ele humano ou animal. A forma mais comum de representar o humano é na posição ereta com os braços paralelos ao corpo.

Imagem 9 – Movimento



Fonte: <<https://africa.si.edu/collections/view/objects/asitem/search@swg/82/title-asc?t:state:flow=e09c77c8-3709-46e0-b70d-97886bfd7f0d>> Acesso: 12 de Abril de 2016

### 3. METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho foi obtenção de nota parcial na disciplina de Estética e História das Artes, buscando fazer uma releitura sobre as características estéticas da arte e da arquitetura africana, propondo no final uma fachada de edificação com características desse povo. Assim, buscou-se em livros e artigos trechos referentes à estética e percepção visual que se enquadrassem nos estudos de Rudolf Arnheim, podendo então reunir conhecimento suficiente para fazer uma análise estética sobre a arte africana para então determinar quais características e elementos poderiam se enquadrar na arquitetura ocidental contemporânea.

### 4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Nesta pesquisa percebeu-se a desvalorização que é atribuída à África como um todo, principalmente no âmbito artístico. São poucos os estudos realizados sobre o assunto e é difícil encontrar fontes que aprofundam as discussões teóricas voltadas a esta temática. Portanto, para fazer uma análise estética dessa arte, foi necessário compreender a história do continente, perceber a diversidade cultural e com isto a enorme variedade artística, podendo então encontrar os pontos mais comuns dentre todos os povos africanos.

Porém, deve-se atentar ao fato de não cometer o equívoco de generalizar essa rica e abundante cultura, sendo o ideal estudar isoladamente cada tribo, cada cultura e cada arte, pois poderia correr o risco de desmerecer a individualidade artística.

Ao se pensar em uma fachada com o tema arte africana, muitos desafios aparecem, principalmente por preconceitos estéticos. De modo geral a África é tida como tribal e primitiva, um mundo atrasado não só em tecnologia e em sociedade mas em cultura. Todavia, deve-se sempre lembrar que não existe uma cultura melhor do que a outra, não existe cultura avançada ou atrasada. Todas possuem elementos com mais destaque em relação a outros, cada uma com suas peculiaridades. Contudo, poucas pessoas em nossa sociedade compreendem isto, chegando a conclusão de que a única maneira de implantar a estética africana de forma presente e marcante em uma proposta de fachada seria em algum estabelecimento temático.

Portanto, para fins deste trabalho, pensou-se em um bar/restaurante com a temática África, como exposto pela imagem 10.

Imagem 10 – Proposta de fachada.



Fonte: Acervo pessoal.

Nesta proposta pensou-se em um ambiente mais rústico, utilizando materiais ligados à natureza. Além disto, estátuas decoram a entrada do estabelecimento, máscaras tribais decoram o seu interior e a madeira é toda envernizada, pois como explicado no item 2.3.2.1, realça a beleza.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito anteriormente, existe uma dificuldade muito grande em encontrar material para este tipo de análise, o que abre possibilidades para muitos estudos sobre o tema. Talvez seja necessário refletir sobre o preconceito cultural, presente até nas universidades de Arquitetura, que pouco ou raramente mencionam o assunto, tendo como prova disto a própria falta de artigos acadêmicos relacionados à estética africana.

Embora exista um preconceito muito grande com a África, as tendências sustentáveis e verdes da arquitetura contemporânea proporcionam oportunidades para implementação das características artísticas africanas, como a associação marcante com o simples, o rústico, e principalmente a ligação forte com a natureza.

Para finalizar, enfatiza-se o leque de possibilidades proporcionado pela temática analisada, podendo ser em muito expandida a partir da relação entre teoria e prática no desenvolvimento das atividades do profissional de arquitetura e urbanismo na atualidade. Percebe-se diversas

possibilidades para expandir, aprofundar e discutir a arte africana a partir de várias abordagens científicas.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Carla Giane Fonseca do. **A arte africana e sua relevância para a conscientização multicultural.** Cadernos de Educação, FaE/PPGE/UFPel, Pp. 161-180, Pelotas - RS, 2009

ARNHEIM, Rudolf. **Art and visual perception: a psychology of the creative eye.** Edição de 50 anos, University of California press, Estados unidos, 2004.

BEVILACQUA, Juliana R. S.; SILVA, Renato A. **África em artes.** Museu Afro Brasil, São Paulo – SP, 2015.

CRAIG, Albert M.; GRAHAM, William A.; KAGAN, Donald M.; OZMENT, Steven; TURNER, Frank M. **The heritage of world civilizations.** Pré-visualização disponibilizada pela editora Pearson, 2009.

EGLASH, R. **African fractals: modern computing and indigenous design.** Rutgers Press, New Jersey, 1999 *apud* TETTEH, Frank S. **The influence of traditional African art on African architecture.** Kumasi – Ghana, 2010.

EZRA, K. **A human ideal in african art: Bamana figurative sculpture.** Smithsonian Institution Press, Washington D.C. – Estados Unidos, 1986 *apud* TETTEH, Frank S. **The influence of traditional African art on African architecture.** Kumasi – Ghana, 2010.

FERREIRA, Luzia Gomes. **As máscaras africanas e suas múltiplas faces.** Bahia, [20--].

FOLKERS, Antoni. **Modern architecture in Africa; critical reflections on architectural practice in Burkina Faso, Tanzania and Ethiopia (1984 – 2009).** Delft – Holanda, 2011.

KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África I.** UNESCO, 2010.

MOLOKWANE, B. Shorn J. **The african aesthetic as it informs the product form.** Gaborone - Botswana, [20--].

MOKHTAR, Gamal. **História geral da África II.** UNESCO, 2010

PEREIRA, Vanina M. T. B. **A herança da arquitetura africana nas comunidades quilombolas.** Anais do XXVI Simpósio nacional de história, São Paulo –SP, 2011.

PRUSSIN, Labelle. **An introduction to indigenous African architecture.** The journal of the society of architectural historians, vol. 33, no. 3, Pp. 182-205, 1974.

SANDERS, Paul S. **Defining a relevant architecture in South Africa.** Architectural research quarterly, vol. 4. Pp 67-80, 2000.

TETTEH, Frank S. **The influence of traditional African art on African architecture.** Kumasi – Ghana, 2010.